

"Fãs de *Um dia* e *Como eu era antes de você* vão se apaixonar e chorar por este livro." —NEW YORK POST

JILL SANTOPOLO

a luz
que
perdemos

DUAS VIDAS. DOIS AMORES.
UMA ESCOLHA.



ARQUEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para a cidade de Nova York

PRÓLOGO

NÓS NOS CONHECEMOS HÁ QUASE metade de nossas vidas.
Já vi você sorrindo, confiante, radiante de felicidade.

Já vi você acabado, magoado, perdido.

Mas nunca vi você assim.

Você me ensinou a buscar a beleza. Em meio às ruínas e à escuridão,
você sempre encontrou a luz.

Não sei que beleza, que luz vou encontrar aqui. Mas vou tentar. Por você.
Porque sei que faria o mesmo por mim.

Havia tanta beleza em nossa vida juntos...

Talvez seja por aí que devo começar.

1

AS VEZES OS OBJETOS PARECEM SER testemunhas da história. Eu estava pensando que aquela mesa ao redor da qual sentávamos no seminário do professor Kramer sobre Shakespeare, no nosso último ano em Columbia, era tão antiga quanto a universidade. Parecia estar ali desde 1754, as bordas gastas por estudantes como nós, ao longo dos séculos – o que, obviamente, não podia ser verdade. Mas era assim que eu a imaginava: os alunos sentados em volta dela durante a Guerra de Independência, a Guerra Civil, as duas guerras mundiais, as guerras da Coreia, do Vietnã, do Golfo.

Engraçado, se alguém me perguntar quem, além de nós, estava lá naquele dia, acho que não sei dizer. Antes era capaz de ver com clareza o rosto de todos eles, mas, treze anos depois, só consigo me lembrar de você e do professor Kramer. Não consigo nem me lembrar da professora assistente que chegou correndo atrasada. Mais atrasada até que você.

Kramer tinha acabado de fazer a chamada quando você abriu a porta. Sorriu para mim, uma covinha aparecendo por um instante enquanto você tirava o boné dos Arizona Diamondbacks e o enfiava no bolso traseiro. Olhou rapidamente a cadeira vaga ao meu lado e veio ocupá-la.

– E você, quem é? – perguntou o professor, enquanto você enfiava a mão na mochila para tirar o caderno e a caneta.

– Gabe – respondeu você. – Gabriel Samson.

Kramer consultou a lista de alunos.

– Procure chegar na hora no resto do semestre, Samson. A aula começa às nove. Melhor, tente chegar *antes*.

Você concordou, e ele começou a falar sobre os temas de *Júlio César*.

– “Nós, no ápice / já atingimos o ponto de descida. / Os negócios humanos apresentam / altas como as do mar: aproveitadas, / levam-nos as

correntes às fortunas; / mas, uma vez perdidas, corre a viagem / da vida entre baixios e perigos. / Ora flutuamos na maré mais alta. / Urge, portanto, aproveitar o curso / da corrente, ou perder nossas vantagens.”

Depois de declamar, continuou:

– Espero que todos tenham lido. Alguém pode me explicar o que Brutus quer dizer sobre destino e livre-arbítrio?

Sempre me lembro desse momento, porque me perguntei tantas vezes, desde aquele dia, se você e eu estávamos destinados a nos conhecer no seminário de Kramer sobre Shakespeare. Obra do destino ou de nossa decisão, aquilo que nos manteve unidos nesses anos todos? Ou talvez tenha sido uma combinação das duas coisas, a maré alta que aproveitamos.

Depois que Kramer falou, algumas pessoas folhearam o texto à frente delas. Você passou os dedos em seus cabelos cacheados, que voltaram imediatamente ao lugar.

– Sim... – começou você, e o resto da turma olhou para você como eu olhava.

Mas você não terminou de falar.

Foi quando a professora assistente, cujo nome não lembro, chegou correndo.

– Desculpe o atraso. Um avião bateu numa das Torres Gêmeas. Deu na TV no momento em que eu estava saindo de casa.

Ninguém, nem mesmo ela, entendeu a importância do que era dito.

– O piloto estava bêbado? – perguntou Kramer.

– Não sei – respondeu ela, ocupando um lugar à mesa. – Esperei um pouco, mas os repórteres não tinham ideia do que estava acontecendo. Disseram que era uma espécie de bimotor.

Se tivesse acontecido hoje, os celulares de todos nós não parariam de receber notificações do Twitter, do Facebook e do *New York Times*. Mas, na época, a comunicação não era tão imediata, e Shakespeare não seria interrompido. Demos de ombros e Kramer continuou a falar sobre *Júlio César*. Enquanto eu tomava notas, reparei que você passava os dedos da mão direita, distraído, nos veios da madeira da mesa. Fiz um esboço do seu polegar, com a unha irregular e a cutícula arrebatada. Ainda tenho o caderno em algum canto – dentro de uma caixa cheia de livros de literatura e civilizações contemporâneas. Tenho certeza de que está lá.

2

NUNCA VOU ME ESQUECER da nossa conversa quando saímos do prédio da Filosofia. Embora não tenhamos dito nada de especial, a conversa ficou gravada na minha cabeça como parte daquele dia. Desce-mos juntos a escada. Não exatamente juntos, mas próximos um do outro. O ar estava claro, o céu, azul – e tudo havia mudado. Só que ainda não sabíamos.

As pessoas à nossa volta falavam sem parar:

– As Torres Gêmeas desabaram!

– Cancelaram as aulas!

– Quero doar sangue. Sabe onde posso doar sangue?

Virei para você.

– O que está acontecendo?

– Moro no campus leste – disse você, apontando para o dormitório. – Vamos descobrir. Você é Lucy, não é? Onde mora?

– No Hogan – respondi. – Sim, sou Lucy.

– Prazer, Lucy. Sou Gabriel.

Você estendeu a mão. No meio daquilo tudo, apertei-a e ergui os olhos. Sua covinha reapareceu. Vi um brilho azul em seus olhos. Pensei então, pela primeira vez: *como ele é bonito*.

Fomos ao seu apartamento e assistimos TV com seus colegas, Adam, Scott e Justin. Na tela, corpos mergulhavam dos prédios, sinais de fumaça saíam dos montes de destroços em direção ao céu, e imagens das torres desabando repetiam-se sem parar. Ficamos anestesiados. Olhávamos para as cenas, incapazes de ligar os acontecimentos à nossa realidade. Ainda não havia caído a ficha de que aquilo estava acontecendo com gente de carne e osso – seres humanos de verdade – na nossa cidade, a pouco mais de dez

quilômetros de onde estávamos. Pelo menos não havia caído para mim. Parecia tão distante...

Nossos celulares não funcionavam. Você teve que usar o telefone do dormitório para avisar à sua mãe, no Arizona, que estava bem. Liguei para meus pais em Connecticut, que pediram que eu fosse para lá. Conheciam uma pessoa cuja filha trabalhava no World Trade Center e não tinham notícias dela, e outra pessoa cujo primo havia marcado um café da manhã no Windows on the World, no 106º andar da Torre Norte.

– É mais seguro longe de Manhattan – disse meu pai. – E se tiver um ataque de antraz? Ou algum outro tipo de guerra biológica? Gás venenoso?

Expliquei que o metrô não estava funcionando. Era provável que os trens também não estivessem.

– Vou aí te buscar – disse ele. – Vou pegar o carro agora.

– Estou bem. Uns amigos estão comigo e estamos bem. Ligo de novo mais tarde.

Aquilo ainda não parecia ser verdade.

– Sabe – disse Scott depois que desliguei –, se eu fosse de uma organização terrorista, jogaria uma bomba em cima da gente.

– Que merda você está falando? – perguntou Adam.

Ele estava esperando notícias de seu tio, que era da polícia de Nova York.

– Quer dizer, se a gente pensar nisso de forma teórica... – tentou explicar Scott, mas não conseguiu continuar.

– Cale a boca! – gritou Justin. – Fala sério, Scott. Não é hora.

– Acho que é melhor eu ir embora – comentei.

Não conhecia você de verdade. E acabara de conhecer seus amigos.

– Minhas colegas de alojamento provavelmente estão preocupadas comigo.

– Ligue para elas. – Você me devolveu o telefone. – Diga que você vai para a cobertura do Wien Hall, e que elas podem ir encontrá-la lá, se você quiser.

– Para onde vou?

– Vai comigo – disse você, passando distraidamente os dedos pelas minhas tranças.

Foi um gesto de intimidade, do tipo que acontece depois de se quebrarem todas as barreiras que distanciam as pessoas. Como comer no prato de

alguém sem pedir licença. E, de repente, senti-me ligada a você, como se sua mão no meu cabelo significasse mais que um gesto distraído e nervoso.

Pensei nesse episódio anos mais tarde, quando resolvi doar meu cabelo e o cabeleireiro me entregou as tranças embrulhadas em um plástico, parecendo mais castanho-escuras do que de costume. Apesar de você estar a um mundo de distância na época, senti como se estivesse te traindo, como se estivesse cortando um laço entre nós.

Mas naquele dia, logo depois de pegar no meu cabelo, você pareceu se dar conta do que fizera e deixou a mão cair no colo. Sorri de novo, mas dessa vez seus olhos não acompanharam.

Dei de ombros.

– Está bem.

Parecia que o mundo tinha se fragmentado. Era como se tivéssemos atravessado um espelho estilhaçado e penetrado num espaço despedaçado atrás dele, onde nada fazia sentido. Como se nossos escudos tivessem caído por terra e nossas muralhas estivessem destruídas. Naquele lugar, não havia por que dizer não.

3

TOMAMOS O ELEVADOR ATÉ o décimo primeiro andar do Wien Hall e você abriu uma janela no fim do corredor.

– Alguém me trouxe aqui no final do primeiro ano – explicou você. – É a vista mais incrível que conheço de Nova York.

Fomos para o terraço pela janela e perdi o fôlego. Uma coluna de fumaça subia da ponta sul de Manhattan. O céu estava todo cinza, a cidade coberta por uma mortalha de fumaça.

– Ah, meu Deus – falei.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Imaginei o que costumava haver lá antes. Vi o espaço vazio onde as torres antes se erguiam. Finalmente caiu a ficha.

– Tinha gente naqueles prédios.

Sua mão segurou a minha.

Ficamos ali não sei quanto tempo, observando a cena de destruição, as lágrimas escorrendo pelos nossos rostos. Devia ter outras pessoas lá em cima com a gente, mas não consigo me lembrar delas. Só de você. E da imagem daquela fumaça. Ficou gravada em fogo na minha cabeça.

– O que vai acontecer agora? – sussurrei.

Aquela imagem me fez compreender a enormidade do ataque.

– O que vai acontecer agora? – repeti.

Você olhou para mim e nossos olhos, ainda molhados de lágrimas, se encontraram com o tipo de magnetismo indiferente a tudo em volta. Você segurou minha cintura e eu fiquei na ponta dos pés para encontrar seus lábios, que me procuravam. Apertamos com força nossos corpos um contra o outro, como se isso fosse nos proteger do que viria depois. Como se a única maneira de ficar a salvo fosse manter meus lábios colados aos seus.

No momento em que você me abraçou, senti-me segura, envolvida pela força e pelo calor de seus braços. Senti seus músculos se contraírem ao me tocar e enfiei os dedos em seu cabelo. Você agarrou minhas tranças e puxou minha cabeça para trás. Esqueci o mundo. Naquele instante só havia você.

Durante anos eu me senti culpada por isso. Culpada porque nos beijamos pela primeira vez enquanto a cidade ardia. Culpada por ter sido capaz de me perder em você naquele instante. Mas depois soube que não fomos os únicos. Pessoas me contaram, em voz baixa, ter feito sexo naquele dia. Concebido um filho. Noivado. Ter dito *eu te amo* pela primeira vez. Há algo na morte que faz as pessoas desejarem viver. Nós queríamos viver naquele dia, e não nos culpo por isso. Não mais.

Quando paramos para recuperar o fôlego, encostei a cabeça em seu peito. Procurei ouvir seu coração, e suas batidas regulares me deram conforto.

As batidas do meu coração te consolaram? Consolam ainda?

VOLTAMOS PARA SEU QUARTO porque você me convidou para almoçar. Depois do almoço você quis ir ao telhado com sua câmera para tirar umas fotos.

– Para o *Spectator*? – perguntei.

– A revista? Que nada. Para mim.

Na cozinha, uma pilha de suas fotos me chamou atenção – imagens em preto e branco tiradas em vários lugares do campus. Eram bonitas, bizarras, cheias de luz, tiradas de tão longe e tão aproximadas que um objeto banal ficava parecendo arte moderna.

– Esta aqui é de onde? – quis saber.

Depois de olhar um pouco, percebi que era um close de um ninho de passarinho, que parecia ser forrado com jornais, revistas e um ensaio de alguém sobre literatura francesa.

– Ah, isso foi incrível – explicou você. – Você conhece a Jessica Cho? Que canta à capela? A namorada do Donald Blum? Ela me contou que podia ver esse ninho da janela dela e que dava até para ver o passarinho trabalhando. Então fui conferir. Precisei me pendurar na janela para tirar a foto. Jess obrigou Dave a segurar minhas pernas porque tinha medo de que eu caísse. Mas consegui.

Essa história me fez encará-lo de modo diferente. Você era ousado, corajoso, um artista dedicado. Refletindo agora, percebo que era exatamente isso que você queria que eu achasse. Queria me impressionar, mas na época eu não notei. Só pensei: *Uau. Como ele é maravilhoso.* Mas o que era verdade naquele momento, e continua sendo, é que você encontra beleza em tudo. Percebe coisas que mais ninguém percebe. É algo que sempre admirei em você.

– É isso que você quer fazer? – perguntei, indicando a foto.

Você balançou a cabeça.

– É só uma brincadeira – respondeu. – Minha mãe é artista. Você precisa ver o que ela faz. Quadros abstratos enormes, lindos. Mas ganha a vida pintando pequenos quadros do pôr de sol do Arizona para turistas. Não quero esse tipo de vida, ficar fazendo arte para vender.

Inclinei-me sobre a bancada e olhei o resto das fotos. Ferrugem manchando um banco de pedra, rachaduras como veias no mármore, corrosão comendo uma balastrada de metal. Beleza onde nunca imaginei encontrá-la.

– Seu pai também é artista? – perguntei.

Sua expressão se alterou. Percebi que uma porta se fechava por trás de seus olhos.

– Não. Não é – respondeu você.

Sem saber, eu havia pisado em um campo minado. Gravei a informação. Estava mapeando o terreno em que entrara. Já imaginava que o conheceria como a palma da mão e que iria percorrê-lo como se fosse parte de mim.

Você ficou calado. Eu fiquei calada. A TV ainda soava ao fundo. Ouvi os locutores falando sobre o Pentágono e o avião que caiu na Pensilvânia. Voltei a tomar consciência do horror da situação. Larguei as fotos. Naquele momento, parecia perverso dar tanta atenção à beleza. Mas, olhando em retrospecto, talvez fosse exatamente a coisa certa a fazer.

– Você não disse que a gente ia almoçar? – perguntei.

Na verdade, eu não estava com fome. As imagens que ocupavam a tela embrulhavam meu estômago.

A porta por trás de seus olhos se abriu.

– É mesmo – respondeu.

Você só tinha ingredientes para fazer *nachos*. Então cortei tomates, meio distraída, e abri uma lata de feijão com um abridor enferrujado. Enquanto isso, você arrumava os chips de *tortilla* numa dessas bandejas de alumínio descartáveis e ralava queijo em uma tigela com a borda lascada.

– E você? – Você retomou a conversa, como se nada tivesse acontecido.

– Hum?

Destravei a tampa da lata de feijão e comecei a puxá-la.

– Você é artista? – perguntou.

Botei o disco de metal na bancada.

– Não, nada disso – respondi. – A coisa mais criativa que faço é escrever umas histórias para minhas colegas de quarto.

– Sobre o quê? – perguntou você, inclinando a cabeça de lado.

Abaixei o rosto para que você não me visse corar.

– Tenho vergonha. É sobre um miniporco chamado Hamilton, que por acaso entra numa faculdade só para coelhos.

Você deu uma risada de surpresa.

– Hamilton. Um porco... Entendo. É engraçado.

– Obrigada – respondi, voltando a erguer os olhos para você.

– Então é isso que você quer fazer depois de se formar?

Você estendeu a mão para o vidro de molho e bateu a tampa na bancada para afrouxá-la.

Balancei a cabeça.

– Acho que não existe mercado para as histórias do porco Hamilton. Andei pensando em trabalhar com propaganda, mas, falando assim, parece uma bobagem.

– Por que bobagem? – Você tirou a tampa com um estalo.

Olhei de relance para a TV.

– Será que propaganda tem alguma relevância? Se este fosse meu último dia de vida, e eu tivesse passado toda ela bolando campanhas para vender queijo ralado, ou *nachos*, você acha que eu teria empregado bem meu tempo aqui?

Você mordeu o lábio. Seus olhos diziam: *Estou pensando nisso*. E assim fiquei conhecendo sua topografia um pouco melhor. E talvez você, a minha.

– O que é uma vida que vale a pena? – perguntou você, por fim.

– É o que estou tentando entender. – Minha mente girava. – Talvez tenha a ver com deixar sua marca, alguma coisa positiva. Tornar o mundo um pouco melhor do que como a gente o encontrou.

Eu ainda acredito nisso, Gabe. É o que venho tentando fazer minha vida inteira. E acho que você também.

Então, vi algo surgir em seu rosto. Não sabia o que significava. Ainda não tinha aprendido muito sobre você. Mas agora conheço esse seu jeito. Significa que, na sua cabeça, você mudou de perspectiva.

Você mergulhou um *nacho* no molho e me ofereceu.

– Quer?

Dei uma mordida e o quebrei ao meio, e você enfiou a outra metade na boca. Seu olhar seguiu as linhas do meu rosto e desceu pelo corpo. Senti que você me examinava de diversos ângulos e perspectivas. Em seguida, passou as pontas dos dedos no meu rosto e nos beijamos de novo. Dessa vez, você tinha gosto de sal e pimenta.

Aos cinco ou seis anos, fiz um desenho na parede do quarto com lápis de cera vermelho. Acho que nunca contei essa história para você. Enquanto desenhava árvores, corações, sóis, nuvens e luas, eu sabia que estava fazendo uma coisa errada. Sentia um aperto no peito, mas não conseguia me segurar. Queria tanto continuar desenhando... Tinham decorado meu quarto de rosa e amarelo, mas minha cor predileta era o vermelho. Eu queria que meu quarto fosse vermelho. *Precisava* que meu quarto fosse vermelho. Sentia que desenhar na parede era ao mesmo tempo absolutamente certo e errado.

Foi assim que me senti no dia em conheci você. Beijá-lo no meio de uma tragédia, de uma carnificina, me pareceu ser ao mesmo tempo absolutamente certo e errado. Contudo, me concentrei na parte que achava certo, como sempre faço.

ENFIEI A MÃO NO BOLSO DE TRÁS de seu jeans e você enfiou a mão no meu. Nos apertamos com mais força. O telefone tocou no seu quarto, mas você o ignorou. Em seguida, o telefone tocou no quarto de Scott.

Alguns segundos depois, Scott chegou à cozinha e deu um pigarro. Nos afastamos e olhamos para ele.

– Stephanie está procurando você, Gabe – disse Scott. – Pedi que ela esperasse.

– Stephanie? – perguntei.

– Ninguém – respondeu você.

– A ex dele – disse Scott, quase ao mesmo tempo. – Ela está chorando, cara – completou Scott.

Você pareceu dividido. Seus olhos desviaram para mim e de volta para Scott.

– Pode dizer a ela que ligo em poucos minutos?

Scott concordou e foi embora. Depois você segurou a minha mão, entrelaçando os dedos nos meus. Nossos olhos se encontraram, tal como fizeram no telhado, e eu consegui desviá-los. Meu coração acelerou.

– Lucy – disse você, de alguma maneira impregnando meu nome de desejo. – Sei que você está aqui, e sei que é uma situação estranha, mas preciso ver se ela está bem. Ficamos juntos o ano passado inteiro e só terminamos mês passado. Hoje...

– Compreendo.

E, por estranho que pareça, aquilo me fez gostar mais de você. Embora não tivesse mais nada com Stephanie, ainda se preocupava com ela.

– Obrigada por... – comecei, sem saber como terminar a frase, até que por fim desisti.

Você apertou minha mão.

– Obrigado por transformar este dia em algo maior – disse você. – Lucy. Luce. Em espanhol é *Luz*, certo?

Assenti.

– É isso – acrescentou você depois de uma pausa –, obrigado por iluminar um dia tenebroso.

Você havia colocado em palavras o sentimento que eu não conseguira exprimir.

– Você fez a mesma coisa comigo. Obrigada.

A gente se beijou de novo. Foi difícil me separar de você. Foi muito difícil ir embora.

– Ligo mais tarde – disse você. – Eu te acho no catálogo. Desculpe pelos *nachos*.

– Se cuide – falei. – Podemos comer *nachos* em outra ocasião.

– Ótima ideia.

Fui embora pensando como era possível que algo tão bom pudesse surgir em um dos dias mais horrendos da minha vida.

VOCÊ REALMENTE ME LIGOU ALGUMAS HORAS depois, mas a conversa não foi o que eu esperava. Você se desculpou muito, mas disse que tinha reatado com Stephanie. O irmão mais velho dela estava desaparecido. Ele trabalhava no World Trade Center e ela precisava de você. Você pedia que eu

compreendesse e me agradeceu de novo por ter iluminado uma tarde tão terrível. Disse que significou muito estar comigo naquele momento. E se desculpou mais uma vez.

Eu não deveria ter me sentido arrasada, mas me senti.

Não falei com você durante o restante do semestre. Nem do semestre seguinte, aliás. Mudei de lugar na aula de Kramer para não ter que sentar ao seu lado. Mas ouvia cada vez que você comentava a beleza da linguagem e das imagens de Shakespeare, mesmo nas cenas mais feias.

– “Oh, dor!” – você recitava –, “Um rio carmesim de sangue quente / como fonte revolta pelo vento, / se eleva e cai entre teus lábios róseos.”

Eu só conseguia pensar nos *seus* lábios e na sensação de tê-los colados aos meus.

Tentei esquecer aquele dia, mas era impossível. Não conseguia esquecer o que acontecera a Nova York, aos Estados Unidos, às pessoas nas torres. E não conseguia esquecer o que acontecera entre nós. Mesmo agora, sempre que alguém pergunta “Onde você estava nesse dia?”, ou “Você estava em Nova York quando as torres desabaram?”, “Como foi aqui?”, a primeira coisa em que penso é em você.

HÁ MOMENTOS QUE ALTERAM a vida das pessoas. Para tanta gente como nós, que morávamos em Nova York então, o 11 de Setembro foi um desses momentos. Qualquer coisa que eu tivesse feito naquele dia teria sido importante, teria sido gravado a ferro e fogo na minha mente e marcado meu coração. Não sei por que te conheci naquele dia, mas sei que, por isso, você passou a fazer sempre parte da história da minha vida.